

ESQUEMA GERAL

1 -Recursos Humanos

Humanização e Desmistificação da Profissão Informática (Introdução)

2 -Formação

2.1. Escolar

- 2.1.1. Básico
- 2.1.2. Interdisciplinar
- 2.1.3. Profissional

2.2. Extra-Escolar

- 2.2.1. Associação Profissional
- 2.2.2. Intercâmbio de Experiência

3 -Estrutura da Profissão

- 3.1 Funções
- 3.2. Carreiras
- 3.3. Categorias

4 -Necessidade de Prova de Função (1)

5 -Aproximação de Sindicatos - API (1)

(1) -Não discutidos. Foram propostos pela. delegação do Norte.

1. HUMANIZAÇÃO E DESMISTIFICAÇÃO DA PROFISSÃO INFoRMÁTICA

Nascida da aplicação prática de conhecimentos científico a em constante desenvolvimento (e portanto ainda não inteiramente assimilados pelo "homem comum") e contendo em si um imenso poder que ele presente e de certo modo vai conhecendo, a informática surge por vezes como um mito aos olhos desse mesmo "homem comum".

Deverá. tentar-se evitar que os trabalhadores de informática também a encarem como um mito: para eles, a **informática é um conjunto** de técnicas que aprendem ou desenvolvem e aplicam. Mais do que ninguém, os trabalhadores de informática têm a obrigação de saber que não se trata de um mito, têm o dever de encará-la exactamente como o que para si ela representa: uma profissão.

Nenhuma profissão é exercida num vácuo social; quer dizer, não é possível a qualquer ramo profissional existir autonomamente; como tal os profissionais de informática actuam em colaboração com outros profissionais, utilizando os conhecimentos alheios ou transmitindo-lhes o fruto dos seus próprios conhecimentos. É necessário que essas relações se estabeleçam em termos correctos, sem factores que influenciem negativamente a percepção que os utilizadores dos serviços prestados pela informática têm desta profissão.

Como todas as profissões, ela exige competência. E o exercício competente de uma profissão é o melhor antídoto para as tendências mitificantes ... como adquirir essa competência e como levar o homem a aceitar naturalmente uma técnica que é posta ao seu serviço e que utilizada correctamente o ajudará a desenvolver as suas capacidades e a obter melhores condições de vida e de trabalho?

Os conhecimentos de informática devem começar a ser assimilados juntamente com conhecimentos de outras técnicas e ciências, integrados num esquema geral de educação escolar. A profissionalização surgirá na altura própria, naturalmente, sem iniciações tantas vezes defeituosas e traumatizantes. Por outro lado, aquela integração num esquema geral de educação, conduzirá certamente a um considerável alargamento do campo de selecção de futuros profissionais. Esses profissionais deverão ser formados em escolas próprias, sendo sempre em vista ai

exigência de obtenção de competências de aplicação prática, dando condições que permitam atingir objectivos de investigação e desenvolvimento no ramo da informática.

No exercício da profissão haverá sempre necessidade de adquirir novos conhecimentos ou ampliar os já adquiridos. Neste aspecto, papel das associações profissionais e das entidades empregadoras é muito importante, principalmente na fase actual em que o ensino escolar da informática é quase inexistente.

As associações profissionais poderão promover os contactos entre os seus associados e patrocinar a transmissão de conhecimentos através, de encontros, colóquios, palestras, etc. As relações com os construtores de equipamento, numa base extracomercial, também poderão ser facilitadas pela intervenção das associações profissionais, às entidades empregadoras, e no seu próprio interesse, caberá manter actualizados os conhecimentos dos seus empregados. De um modo geral, para assegurar a competência e a actualização dos profissionais no seu interesse pessoal e da própria sociedade, é absolutamente imprescindível que seja proporcionada a actualização de conhecimentos e técnicas de maneira a melhorar a capacidade informática nacional.

Assentando sobre a aquisição e manutenção de competência, a profissão deve estruturar-se de forma lógica e evolutiva: as funções ligadas ao exercício da actividade informática devem ser definidas o mais compreensivamente possível; a extensão dessas funções dá lugar a diversos tipos de trabalho, evoluindo ao longo da carreira, com graduações qualificativas desse mesmo trabalho.

2. FORMAÇÃO

Uma definição detalhada da formação necessária, implica o conhecimento tão exacto quanto possível das necessidades de profissionais de informática, de modo a poder-se acompanhar uma política geral deste sector. A inexistência de tal política obriga a que tenhamos optado pela definição de grandes linhas orientadoras para cada um dos aspectos considerados na formação em informática.

Acima de tudo dever-se-á ter sempre presente que essa formação deverá conduzir a que os profissionais adquiram a competência exigida para a resolução de problemas específicos do País, tais como os que existem nos campos da saúde, da educação, da agricultura, do bem-estar social, da pesca e outros.

2.1. FORMAÇÃO ESCOLAR

2.1.1. Básica

Formação geral em informática orientada no sentido de desmistificação do computador e dos informáticos, de modo a permitir uma inserção da, informática na sociedade, combatendo o secretismo desse mito.

Dever-se-á integrar na formação escolar básica de modo a facilitar os futuros contactos com a informática.

2.1.2. Interdisciplinar

Nas várias áreas de formação, deverão ser fornecidos os conhecimentos indispensáveis para uma correcta utilização das técnicas informáticas e da informática nos problemas específicos da respectiva área.

2.1.3. Profissional

Consideramos que a formação escolar profissional encerra em si dois níveis complementares de formação.

Um primeiro nível, orientado fundamentalmente para um profundo conhecimento técnico e prático dos métodos e técnicas informáticas mais usuais, no sentido de permitir a sua utilização consciente.

Complementarmente, existirá um segundo nível de formação cuja frequência seria especificamente destinada a profissionais da informática e tendo como objectivo a formação e desenvolvimento em métodos e técnicas especializadas, no sentido de permitir um melhor aproveitamento dos recursos humanos, materiais e técnicos disponíveis.

2.2. FORMAÇÃO EXTRA-ESCOLAR

2.2.1 Associação profissional

Realização de encontros, colóquios e palestras, orientados para a troca de conhecimentos e experiências adquiridas no exercício da profissão.

Promoção de "mesas-redondas" para discussão de assuntos controversos, com a participação eventual de profissionais não informáticos.

Difusão de novas técnicas e equipamentos dos diferentes construtores, tentando tanto quanto possível uma normalização de processos e nomenclatura.

2.2.2. Entidades Empregadoras

Actualização permanente dos trabalhadores mediante a disposição de meios necessários para tal.

Concessão de facilidades em contactos interempregadores, para troca de experiência e conhecimentos.

3. ESTRUTURA DA PROFISSÃO CONDIÇÕES GERAIS

Função - Tarefa ou tarefas profissionais. exercidas pelo trabalhador.

Categoria - Qualificação relativa atendendo a complexidade, responsabilidade, amplitude, etc. do trabalho que pode ser exigido ou a executar pelo profissional.

Carreira - Representa a sequência de categorias profissionais dentro de um determinado tipo de trabalho.

Categorias profissionais propostas para cada Carreira:

Conselheiro - Máximo da carreira, máxima responsabilidade.

- Orientador é conselheiro dentro da carreira.

Sénior - Muito experiente, executando trabalhos de responsabilidade, superior.

(Média) - Executa os trabalhos de um nível de responsabilidade normal.

Assistente - Executa os trabalhos de responsabilidade normal, sob a orientação de outros profissionais.

Estagiário - Tempo inicial em que o seu trabalho é verificado, corrigido e avaliado por outros profissionais.

- Responsabilidade mínima.

CARREIRAS

Verifica-se a existência de seis carreiras distintas (concepção ou análise, realização ou programação, tratamento ou operação, preparação e controlo, recolha, serviços de apoio ou auxiliares), com as mesmas categorias profissionais gerais em cada uma.

Dever-se-á atender, por um lado à pouca classificação de certos serviços, ou/e ao exaustivo tempo de permanência a uma máquina o que acarreta distúrbios físicos e psíquicos; propomos como esquema de evolução de carreiras, um que permita quer, deslocamento horizontal (mudança. de carreira), quer o vertical (evolução na carreira).

Descrição das Funções Informáticas

No texto apresentado, a descrição das funções informáticas estão referidas ao seu possível executor e não às funções em si. Dever-se-á tentar reformular as

atribuições dessas funções em face da sua designação própria, isto é, não definimos por exemplo, as funções de "analista de sistemas" mas sim as de "análise de sistemas".

CONCEPÇÃO	EXECUÇÃO		RECOLHA	PREPARAÇÃO, CONTROLO E APOIO	
Concepção ou análise	Realização ou Programação	Tratamento ou Operação	Recolha	Preparação e Controlo	Serviços Auxiliares
Analista Conselheiro					
Analista Sénior	Programador Conselheiro				
Analista	Programador Sénior	Operador Conselheiro		Conselheiro	
Analista Assistente	Programador	Operador Sénior		Sénior	
Analista Estagiário	Programador Assistente	Operador			
	Programador Estagiário	Operador Assistente	Operador de recolha	Assistente	Operador Expedição Máq. Aux.
		Operador Estagiário	Operador Assistente	Estagiário	Operador Assistente
			Operador Estagiário		Operador Estagiário

**Lista de participantes no subtema:
PROFISSÃO.**

Almeida, Leonel P. (Lisboa).
 Almeida, Maria dos A. G. (Lisboa).
 Bispo, Mário (Lisboa).
 Carvalho, Luís A. M. (Lisboa).
 Costa, José R. P. (Lisboa).
 Faria, José M. (Porto).
 Fernandes, Óscar M. (Porto).
 Frederico, Raul A. G. (Lisboa).
 Gomes, João J. S. (Lisboa).
 Gouveia, Vasco (Porto).
 Homet, Maria A. (Porto).
 Leite, Justino (Porto:).
 Mendes, João F. (Porto).
 Mota, António G. L. (Lisboa).
 Nascimento, Maria I. (Lisboa).
 Neves, António P. B. (Lisboa).
 Pimentel, Duarte L. (Lisboa).
 Rascao, José (Lisboa).
 Silva, António G. S. (Lisboa).
 Sousa, M.^a Eduarda J. (Lisboa).
 Vasconcellos, João M. R. (Lisboa).